



In Praise of Commercial Culture

Tyler Cowen

Cambridge: Harvard University Press, 1998. (278 páginas)

ISBN: 0-674-00188-5

.....

T Tyler Cowen é PhD em economia em Harvard, professor da Universidade George Mason, diretor do *Mercatus Center* e, em 2011, foi nomeado como um dos economistas mais influentes no *Top 100 Global Thinkers* pela *The Foreign Policy Magazine*¹. Suas pesquisas acerca da economia na cultura, renderam a Cowen três excelentes livros: *Creative Destruction: How Globalization is Changing the World's Cultures* (2004), *What's Price Fame?* (2002), além do livro para qual essa resenha é destinada: *In Praise of Commercial Culture* (1998).

As duas primeiras perguntas do livro – mesmo sendo escritas há mais de 18 anos – tornam real o debate que ainda enfrentamos: o mercado encoraja ou desencoraja a música, literatura e as artes visuais? A lei de oferta e demanda encoraja ou atrapalha a busca por criatividade?².

O livro possui cinco partes: A Arte em uma Economia de Mercado; O Mercado da Escrita no Mundo; As Cidades Ricas como Centro Ocidental da Arte; De Bach a Beatles: O Desenvolvimento do Mercado da Música; e, por fim, O Porquê do Pessimismo Cultural. Já na introdução, Cowen discute o que seria uma “cultura boa”, sendo este o elemento discrepante chave das duas correntes de análise cultural contemporânea, os pessimistas e otimistas. Os pessimistas, advindos de diferentes espectros políticos, acreditam que o

mercado corrompe a cultura. Desde os descrentes como Platão, Rousseau, Nietzsche, até os neomarxistas, principalmente da Escola de Frankfurt, que elevaram o debate até a influência das massas e de como a qualidade cultural é prejudicada pela necessidade de grande demanda mercadológica, suprimindo assim as minorias e levando a uma homogeneização cultural causada pela livre troca cultural.

Na história dos estudos culturais, são encontradas três versões dos otimistas. A primeira acredita que a arte e a criatividade são prósperas no capitalismo. A segunda adiciona que o sistema liberal continuará a ser proeminente nos anos seguintes. Enquanto a terceira versão otimista, que é desprezada por Cowen, considera que a criatividade será crescente até o capitalismo ser substituído pelo comunismo.

Cowen, um otimista, sustenta que o capitalismo – sendo um quadro jurídico baseado na propriedade privada e nas trocas voluntárias – é o recinto de suporte para todo tipo de arte, incentivando a criatividade. Artistas são movidos por forças internas: preferências e criatividade, assim como forças externas: oportunidades e restrições. O capitalismo e o desenvolvimento econômico possibilitam que indivíduos se tornem profissionais artísticos, mesmo existindo críticas robustas sobre o estilo boêmio e sobre a busca de lucros através da arte nos tempos contemporâneos. Ora, encontramos vários exemplos de excelência como Johann Sebastian Bach (1685-1750), Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791), Ludwig van Beethoven (1770-1827), Charles Chaplin (1889-1997) e vários outros que conceberam

¹ Ranking disponível em: <<http://foreignpolicy.com/2011/11/28/the-fp-top-100-global-thinkers-3/>>.

² COWEN, Tyler. *In Praise of Commercial Culture*. Cambridge: Harvard University Press, 1998. p.1.

suas obras visando o lucro. Outrossim, foi o mercado, através do desenvolvimento tecnológico, que barateou ferramentas e materiais de produção artística, otimizando o estilo e a expectativa de vida.

A alta cultura seria decorrente de uma boa aclamação da crítica, enquanto a baixa cultura compreenderia os itens de cultura popular. Incentivos econômicos são as chaves para a mudança dessa categorização, principalmente no que diz respeito à identificação de alta cultura. A otimização dos custos de produção e distribuição torna a arte acessível para mais pessoas, assim como para nichos específicos. Minorias culturais, tão defendidas e protegidas pelos pessimistas, podem ser finalmente atendidas.

A arte sempre foi conectada com a cultura comercial, sendo que a segunda influencia positivamente a primeira. O surgimento do Renascimento se deu em conjunto com a revolução comercial. Paris foi o centro artístico da era medieval até os séculos XIII e XIV, quando percebemos uma maior concentração artística nas cidades-estados italianas, coincidindo com o desenvolvimento do comércio na região. Ainda naquela época, o comércio era reconhecido como prosperidade artística, tal como observado nas obras de Giorgio Vasari (1511-1584), Benvenuto Cellini (1500-1571) e explicitamente nos contos de Giovanni Boccaccio (1313-1375), o *Decameron*³. “*Vasari recontava várias histórias de como um escultor florentino, Donatello, teimosamente lutou pela sua visão artística independente e criativa*”⁴.

O Renascimento de Florença contradiz a tese pessimista recorrente de Daniel Bell acerca da contradição capitalista na qual o consumismo cria uma mentalidade irresponsável e deturpada a ética puritana. Entretanto, evi-

dências históricas como a Inglaterra no século XVIII e até mesmo a América no início do século XX ilustram: “*um capitalismo crescendo em paralelo à mesma ética de tempo de fruição e autogratisficação e que abastece a criatividade artística*”⁵

Cowen tem dificuldade de classificar o que seria uma arte ruim, mas ainda assim acredita que não podemos punir o mercado por tomar essa decisão. É considerado que o experimento de opções artísticas ruins reflete em um desenvolvimento cultural possível através da comercialização. É provável que a proliferação de artes ruins – como as inclinadas a fofocas, violência e perversidade – seja um subsídio para a boa arte, como mostra o exemplo utilizado por Cowen. Os best-sellers de Jackie Collins permitiram experimentos da editora Collins, bem como contos túrgidos.

No último capítulo, Cowen desconstrói a análise pessimista cultural, além de todos os exemplos excepcionais presentes por todo o livro, considerando sua fonte motivacional. Explicando suas ilusões cognitivas, como “*muitos pessimistas culturais identificam boa cultura como aquela que aprendem a amar*”⁶, ou “*quando julgam a cultura presente em comparação com as melhores do passado*”⁷.

É notável como o debate cultural oscila no decorrer dos séculos, juntamente com contextualização histórica comercial. Cowen argumenta e exemplifica sua tese assim como expõe a visão pessimista, fazendo o leitor enxergar sua percepção. O livro é cheio de referências e exemplos que tornam a leitura enriquecedora, divertida e densa. ∞

³ Idem. *Ibidem*, p. 85.

⁴ Idem. *Ibidem*, p. 92.

⁵ Idem. *Ibidem*, p. 103.

⁶ Idem. *Ibidem*, p. 182.

⁷ Idem. *Ibidem*, p. 183.

Thaiz Batista

Graduada em Relações Internacionais pelo IBMEC de Minas Gerais.
batista.thaiz@gmail.com